# TARSILA DO AMARAL ABRIRÁ, NO DIA 20, NO RIO, SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NO BRASIL

## QUATRO POEMAS DE MURILLO MENDES

(Especialmente para a revista de antropofagia)

### CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra tem macieiras da California
onde cantam gaturamos de Versailles
os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista
os sargentos do Exercito são monistas cubistas
os filozofos são polacos vendendo a prestação
a gente não póde dormir
com os oradores e os pernilongos
os sururus em familia
têm por testemunha a Gioconda
eu morro sulocado
em terra estrangeira
nossas flôres são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a duzia
ai quem me déra xupar uma carambola de verdade
ouvir um sabiá com certidão de idade!

Rio, 1924.

### CARTÃO POSTAL

Domingo no jardim publico pensativo
consciencias corando ao sol nos bancos
bebês arquivados em carrinhos alemães
esperam pacientemente o dia que poderão ler A [Escrava Isaura
passam braços e seios com um geitão
que si Lenine visse não fazia o Soviete
marinheiros americanos bebedos
fazem pipi na estatua de Barroso
portuguezes de bigode e corrente de relogio
abocanham mulatas
o sol afunda-se no ocaso
como a cabeça daquela menina sardenta
na almofada de ramagens bordada por Dona Co- [cota Pereira.

Rio, 1924.

### VOCAÇÃO

Não quero o amor universal
esse amor facil decorativo
dos sêres além dos meus limites
quero a vizinha ao lado do meu quarto
quero gostar brutalmente das criaturas
que estão perto de mim.

Si as meninas de 16 annos soubessem
eu sou muito capaz de sacrificios bestas
gostaria por exemplo
de trabalhar como revisor num jornal
pra sustentar a irmã tubercutosa da minha pequena
(e tanto que a pequena fosse o tipo da bôa!)

Rio, 1928.

### NOVA CARA DO MUNDO

O cometa de A'lei vae passar
toda a cidade acorda pra ver o cometa
ele é enorme e fabuloso
destroe cidades pensamentos de omem.
O mundo muda a cara quando ele passa
e meninas desmaiam no fundo do sertão.
O cometa passa e arrasta um pouco da minha alma.
Fiquei triste, triste, Jururu'.
Em vão minha tia
Virgínia Amalia Monteiro de Barros
repete no piano com tanto sentimento
a valsa Transiberiana, meu xodó naquele tempo.
Qual valsa, qual nada!
O cometa me traz o anuncio de outros mundos
e de noite eu não durmo
atrapalhado com o misterio das coisas visiveis.
No rabo imenso do cometa
passa a luz, passa a poesia, todo o mundo passa!

Rio, 1929.

## de antropofagia

A antropofagia até hoje não encontrou, entre as mullas labias da Madre Egreja e da cultura oficial do Ocidente, uma só que fosse ao menos ponderavel. Os sofismas bilotos, a dialetica provinciana, os "bons sentimentos portuguezes" que para aqui foram por elas transplantados não tiveram força — nem podiam ter! — para impedir a eclosão desse admiravel movimento brasileiro, triunfante, desde o começo, em todos os recantos ainda os mais remotos, do paiz.

A reação contra a mentalidade colonial é uma vitoria do espirito moço do Brasil. Ela era [illegible], inevitavel. Já ha quatro centos annos Thevet observava no indio "que si on les irrite ils ne font difficulté de lier un chrestien, et le manger, comme ils font leurs ennemis", com a mesma calma e a mesma serenidade — accrescenta o cronista — "comme nous faisons les de boeuf et de mouté".

Comer o cristão, é a senha antropofagica. Quatro seculos de recalcamento jesuitico foram, por isso, impiedosamente arrasados por nós. Nenhum matapão sobrou dessa derrubada braba e gostosa. Tudo veiu abaixo e hoje é um prazer contemplar esse Brasil de olho milhões de kilometros quadrados sem comendadores, sem onorevoles, sem grandes officiaes, sem poetas engraxates ou pintores de tampas de caixas de charutos, sem o escrivão-mór e sem o governador geral — com o indio de tacape em punho, comendo gente, bebendo caulim, fazendo cada dabucury desta cidade sobre as canelas finas dos conquistadores.

Gostosa, comiam, arburam eles essa carne. Por isso malaram mais, para mantimento.

No Brasil tem beijú, paiauarú, koxirí, caranguejo, pimenta, festa.

O rompeio é que estragava tudo. Foi por isso que comemos o rompeio. Com as onze mil virgens, as lahias do padre Vieira e as indulgencias dos reis portugas.

O movimento antropofagico veiu na hora justa e oportuna em que uma nova conquista espiritual se ensaiava, maireira, nestas terras liberrimas da America.

Reagimos contra a cultura de importação, contra o bacharelismo bosta do Ocidente, contra todos os cacoetes mentaes da Europa pódre de civiltzação. O heroe Poronominare matou Villeges na cabeça. Cunhambebe engullu os doze pares de França. Por toda parte o boré soou, chamando os povos para o moquém s lvagem.

Sobretudo reagimos contra a moral convencional, a velha moral que hoje no mundo inteiro — mesmo na Europa romana ou puritana — só existe na hipocrisia cobarde de meia duzia de pastelheiros fóra d seu tempo e sem raizes na terra generosa que lhes deu agasalho.

Contra, portanto, as forças de convenção, de acomodação, de hipocrisia, lançamos as forças de libertação, vitoriosas sempre. Contra o homem artificial — burro e cacete — o homem natural. Contra o animal que se veste, o animal que se enfeita.

Liberdade de pensamento.
Liberdade sexual.
A coragem de morrer rogando
praga no campo do inimigo.
A justiça da tacape.
Nenhum recalcamento.
O mais forte.

Renegamos com prazer todas as virtudes cristãs. Ficaram na secção de objectos perdidos. Onde os trouxas poderão ir buscal-as.

Já o nosso principal Miguel dizia para o solatra: "Não nos serve esse modo de vida. Vamos acabar com isso."

Veiu a antropofagia e acabou mesmo.

O europeu se encolhe de medo deante da "descida". E foi por isso que o conde Keyserling, atonito com o espectaculo barbaro da civilisação nova da America, se perguntou, cheio de afflição:

— Mas não será isso a volta ao canibalismo?

E', CONOE.

TAMANDARE'

## a antropofagia em marcha!

BRIGANDS durement Châtiés.

D'aprés M. Finaly Andrew, enquêteur de la Commission internationale de secours aux victimes de la famine en Chine, il résulte que, prés de Ching-Ning, des habitants affamés ont tué et mis à la marmite 45 brigands.

Cette utilisation rationnelle et vengeresse de la pégre est á la fois comestible et économique.

Mieux vaut s'entretenir des larrons, accommodés aux petits oignons ou aux nids d'hirondelles, que de les entretenir en des geôles.

A Ching-Ning, nécessité fait loi.

(De "Comœdia", de Paris).

PROBLÉME D'ACTUALITE

### PEUT-ON MANGER DE L'HOMME?

J'entends votre réponse! Si l'on peut manger de l'homme, justes dieux! Mais non, on ne peut pas! C'est défendu! C'est contraire à toutes les lois, à la morale la plus élémentaire, c'est...

D'accord. Mais vous n'y êtes pas, et ce n'est point ainsi que j'ai voulu poser la question. Point de s'agit de philosopher. Vous avez tous lu comme moi l'information répandue ces temps derniérs par la presse: une effarante accusation portée contre deux Italiens, échappés au naufrage du dirigeable "Italia". Perdus sur les glaces du Pôle, sans vivres, à bout de forces, après la mort de leur compagnon, le naturaliste norvégien Malmgreen, les infortunés Zappi e Mariano auraient mangé le corps de Malmgreen!

La valeur et le caractére de deux hommes mis en cause rendraient déjà la calomnie invraisemblable, et de fait, l'enquête en a démontré la complète innocité. Mais puisque cette question de l'anthropophagie, vieille comme le monde, est revenue à la surface, protestons-eu pour la regarder d'un peu urés, malgré notre instinctive repugnance.

Oui ou non, peut-on manger de l'homme?

Comprenons-nous! Je veux dire: au point de vue alimentaire, peut-on se nourrir avec de la viande humaine. Est-elle assimilable? Ou au contraire, cette alimentation, mettons monstrueuse, joue-t-elle dans notre organisme le rôle d'un de ces poisons lents, mais sur qui sont une manière de punition sinkespeariene infligée par la nature violée?

Helas! avouons-le, l'homme constitue pour l'homme un aliment parfait. Tous les voyageurs qui ont pu se trouver en contact avec des indigénes anthropophages déclarent à l'unisson qu'ils donnent les signes d'une santé robuste, à côté de tribus voisines non adonnées au cannibalisme.

Il faut savoir, car c'est la seule excuse de l'homme à se regaler de son semblable, que le cannibalisme a pour origine des causes strictement alimentaires. Même dans les pays où par la suite il devint rituel, il eut à sa base la nécessité de vivre.

L'ex,lorateur Chaillé-Long, qui parcourut en 1875 la région habitée par les Nyams-Nyams, au nord-est de l'Oubanghi, raconte que les peuplades de ces contrées forestiéres sont contraintes de faire la chasse à l'homme parce qu'elles ne possédent pas d'autres gibiers, à part, de loin en loin, la curée d'un éléphant, et qu'elles n'ont à consommer, en fait de végétaux, que des bananes.

Or la banane qu'on récolte au Congo est d'une valeur nutritive assez inférieure. Ou l'appelle non sans mépris "bâton de cosmétique." Un homme peut subsister à condition d'en manger environ trois kilos par jour, et ces trois kilos ne nourriture ne correspondent pour lui qu'à 2.100 calories environ, ou 30 grammes de protéine, alors qu'il en faut 60 grammes par jour à un travailleur.

Aussi les tribus réduites au régime des bananes doivent-elles chercher ailleurs leur supplement d'azote et un apport de matiéres grasses. Elles les trouvent dans l'anthropophagie.

En regard de ces populations à l'état permanent de sous-alimentation — malgré la fiction plantureuse de leur ventre proéminent — A. de Préville, dans son livre Les Sociétés Africaines, nous montre les habitants des savanes traversées par les cours d'eau. Ah! ceux-là ne sont pas du tout anémiés!... Pourquoi? Mais tout simplement parce qu'en outre du manioc et des patates qu'ils cultivent, ils ont à leur disposition la merveilleuse ressource du poisson.

Et observez le côté moral de l'histoire: c'est surtout depuis que nous avons colonisé leur continent que les noirs travaillent, et que l'espression "travailler comme un négre" s'est inscrite au vocabulaire des occidentaux. Nous serions donc indirectement, en dépit de nos Bibles là de nos prêches, une cause de propagation de l'anthropophagie? Diable! Le résultat serait étrange. Heureusement, il n'est qu'apparent, et nous fournissons aux noirs assez de boîtes de conserves pour qu'ils puissent sans inconvénients jouir des bienfaits de notre civilisation!

S'il fallait écrire un précis de cuisine anthropophagique, on glanerait de par les cinq parties du monde une profusion de recettes à faire palir de jalousie nos plus eminents gastronomes.

Un chef néo-zélandais disait au voyageur Harte: "La chair humaine est tendre comme du papier". Mais à en croire un rapport fait par M. Monceton en 1885, devant la société d'Anthropologie, les Canaques trouvent le blanc "trop salé". Qui d'entre nous songerait à s'en plaindre?

Les paumes des mains et les joues sont réputées les meilleurs morceaux. Question de goûts, de climats, de latitudes. Aux îles Marquises, à l'époque où l'on dévorait les prisonniers, les yeux allaient aux guerriers parce qu'ils contiennent l'âme, surtout l'oeil gauche; le coeur aux devins, et les pieds aux chefs. Et en Europe, saint Jérôme nous révéle que les Ecossais primitifs, qui étaient anthropophages, avaient une préférence pour les seins des jeunes filles, et — révérence parler pour le fosses des adolescents.

Quant aux accommodements et aux sauces, ils sont innombrables. Dans le Pacifique, le comte Rudolph Festetics de Tolna vit, en 1901, cuire de la viande d'homme avec des taros et des ignames. Il put, pressée par la faim ou la curiosité, manger des légumes au pot-au-feu, mais il laissa la viande. Et à Sumatra, les Battas mangeaient les criminels à la vinaigrette, s'il vous plait.

Qu'en dites-vous, ô Curnonski, ô Paul Reboux?

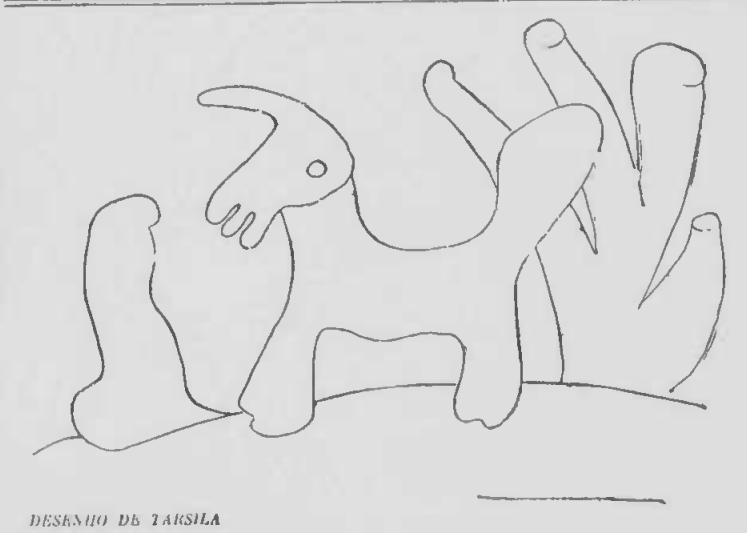
(Do Jornal "Progrés du Nord"t.

M. R.

## revista de antropofagia

Orgão da Antropofagia Brasileira de Letras

14.º numero da 2.ª dentição



DESENHO DE TARSILA

## historia em branco do coré... coré..

por *João Calazans*

(Do Clube de Antropofagia do Espirito Santo)

Gihy tinha mãe mas não tinha pae. Se tinha, ninguem não conhecia. Nem eu. Era um moleque creado na vadiagem das estradas. Tinha a cabeça pretinha e roliça de um geriquitim. E as palmas das mãos eram de barro.

Medroso e safado, Gihy afrontava a serenidade das matas com pedras nos sabiás. E das aguas da lagôa suja com canoinhas de taquara e pelotadas doidas aos corés dormindo.

Tinha o espirito máo dos moleques que narrativas secas do Saci Pererê. Acreditava que o malandro Marcos virasse lobisomem. Que a nota viuva se banhar na agua da bacia deixada no terreiro pelo banho de Maria Rosa.

Coré dormindo. Gihy pelotava na cabeça dele. E o danado se acordava lá sabendo que era manha do pretinho.

Bolia na agua manchada de lama e soprava bolhas de vento que espocavam na cara dos mosquitos.

Gihy ria satisfeito.

Sabiá não chegava mais manhãzinha pra cantar ali. Tinha medo da safadeza dele. Sinhá Filomena discutia com a mãe de Maria Rosa noiva. Os enfeites da casa o moleque quebrou. Por causa de um talú ele derrubou a cerca da orta e quebrou pé de couve em penca.

— Gigy — negro desgraçado — vá dar pedrada na casa de sua mãe.

— Fiau... E capinava topando rapido o caminho da casa.

Manoel vaqueiro contou tudo que sabia de assombração. Até da dentada que coré deu no pé da malhadinha que morreu logo.

Coré morria .. Não tinha conversa. Se podia logo fazer a plantação do mordido...

Mas Gihy não acreditou não e riu correndo pra beira do rôlo de taquaras.

Coré estava contente cantando:

Co... ré... Coo... reé
Olha o pé... né... pé...

Gihy pelotou mas ele que não deu conversa. Nem soltou bolha pra matar mosquito.

Gihy tinha raiva dele. Era botar canoinha nagua coré virava...

A pata se banhou na agua de Maria Rosa. O Quinca fez calimbó e a moça não sofreu. Mas depois cantando bem pertinho das taquaras — que fabricavam canoinhas pro negro — coré namorou os pés dela.

Não houve calimbó.

Gihy chorando teve pena do noivo de Maria Rosa.

Coré se casou no fundo do corrego manso com a mãe do sapo-cururu. Pelotada do negro matou mulher de coré. Vingança.

E coré se danou. Cantou correndo atraz do pé preto do moleque até que pegou e de raiva coré morreu...

Depois se confundia Gihy com Saci Pererê. Ele acreditava agora pulando sem vergonha com um pézinho só...

### COMBINAÇÃO DE CÔRES

Verdamarelo
Dá azul?
Não:
Dá azar.

*Jacob Pum-Pum*

### Goethe antropofago

"Não é acaso diante do contrario que a gente realiza o que tem o que é e o que não é.

E' a razão por que em sociedade de tanta gente se perturba quando apparece uma pessoa nova e estranha. Ella dá a revelação do que falta, aos outros, que nesse [illegible] cu[illegible] lhes descobre pelo contraste o que elles têm e ellas a desprezam."

Carta a Riemer — 19 março 1807

"O caracter, isto é a mistura dos instinctos primitivos do homem, como o instincto de conservação, o da estima de si [illegible] etc., é o que serve de ponto de partida e ponto de apoio ás outras forças da alma.

Carta a Eichstaedt. — fins 1807.

"Não conheço a alma de um imbecil, mas conheço a de um homem honesto: é uma coisa pavorosa!"

Joseph de Maistre.

"O louco não é um homem que perdeu a razão; o louco é aquelle que perdeu tudo, excepto a sua razão".

Chesterton.

### jorge de lima

Temos o prazer de informar a nossos presados leitores, que o poeta jorge de lima está em São Paulo. Realizador de poemas que a gente lê se babando de gosto, jorge de lima é simpatissante da antropofagia. Nos deu para publicar o poema que segue.

DO AÇOUGUE

### MIGRAÇÃO

JORGE DE LIMA

João Nordeste acordou cedo, de manhãzinha.
Chapelão no cocuruto, roupa de brim, borzeguim de vaqueta,
Adeus, cachorrinho Delegado!
Adeus, cavallinho, "Dois Comtigo"!
Adeus Canna!
Adeus minha Serra!
Adeus, tudo que não aprendeu a chorar!
João Nordeste leva a sua Zefa e a sua viola.
João Nordeste vae embarcar para São Paulo!

### santo oficio antropofagico

O Santo Oficio Antropofagico não funciona neste numero por falta de espaço. Ele, porém, ainda não perdeu a pista dos amigos do alheio, que, pegados pela gola, vão fazer desfilar [illegible] sua frente seus inocentes "descuidos".

### EXPEDIENTE

Este é o 14.º numero de Revista de Antropofagia (2.ª dentição)

Nosso director é o Raul Bopp.

Geraldo Ferraz secretario de red.

Correspondencia: Caixa postal: 2169